O centenário de um poeta

(Discurso proferido pelo sócio efetivo Dr. José Valdo Ribeiro Ramos, no auditório da Escola Normal Pedro II, no dia 29 de Setembro de 1936, comemoração do 1.º centenário do nascimento de Juvenal Galeno, em nome da Sociedade Cearense de Geografia e História e do Instituto do Ceará.)

Exmo. Sr. Governador do Estado
Exmas. senhoras
Meus senhores:

Nada é tão velho e repetido todos os dias como a aurora, esse quadro de mágicas fragrâncias, precursor do sol.

Não obstante, ninguem há que se julgue entediado ou não experimente infiltrar-se-lhe na alma a mais agradavel das sensações, ante o espetáculo rosicler.

E todas as manhãs há sempre uma tela nova, assim na cambiância das tintas, como no modo de se agruparem as nuvens nos estendais dos espaços onimodos: torres altissimas de castelos, velhas e solitárias ermidas, carruagens de nuvens que se arrastam lentas; ora a configuração de um lago, uma imprevista marinha, resultante de um bloco de neve; véus flutuando, cerros alterosos, montanhas abruptas, a cujos vértices a rósea cor da luz matutina nos deslumbra. Em tudo isso há arte e beleza, e os olhos não se cansam de fitar a alvorada do dia, no esplendor dos campos siderais. Tambem a poesia vem de longe, é um fenômeno mental que surgiu nos primórdios da humanidade, e, até o momente presente, tem-na o homem no coração, ou todo coração é uma harpa que sabe desferir a harmonia na presença do ritmo ou das cousas sonoras.

No motivo de emoção transmissivel é que se revela o artista, o poeta impecavel e harmonioso, os Bilac, os Raimundo Correia, os Fagundes Varela, os Castro Alves, grandes astros representativos da nossa raça, cuja poesia cheia de beleza e trescalante de perfume temos sempre nos lábios e no coração.

Não são poucos — falsos profetas — os que tem predito a morte da poesia. Nem os que afirmam a sua decadência atual.

E cada um se afunda no mar da vida, enquanto o belo continua a nos comover, a nos inspirar, sempre redivivo, na alma de Homero, Dante, Camões, Shakespeare, Goethe e tantíssimos outros infinitos corações.

Quando a natureza se nos apresentasse morta, sem uma sugestão de beleza, quando o oceano se transmudasse em mar morto, sem o menor sinal de vida, mudo, descolorido, como um vasto sudário para envolver a terra; quando tudo volvesse a uma completa paralisia e toda a variavel feição exterior apresentasse um só e mesmo aspecto — a morte; quando o som da aragem se extinguisse e quando tudo fosse um completo silêncio, mas continuasse a pulsar o coração humano, batendo, sentindo, soluçando, preso da mais dolorosa estupefação, a poesia, no meio dessa desolação de todas as cousas, tomaria o pletro e inspirada cantaria o trágico dessa visão horrivel. É que a Arte, o Belo, a Poesia, tudo isso é imortal e necessário.

Felizes os que tem a divina inspiração, os que por um privilégio de audição escutam a música do infinito que se revela alem da Via-Látea e a reproduzem, no verso, com a mais perfeita fidelidade.

Os poetas são antenas que recebem as harmonias mais delicadas e estranhas, organizações privilegiadas a quem é concedido o mágico poder de penetrar os profundos recessos da alma humana e traduzir pela linguagem do ritmo as suas grandes emoções.

Acastelados dentro do seu sonho de arte — nessa torre de cristal inatingivel para o comum dos mortais —, vivendo de seu próprio sonho e sonhando dentro da realidade estúpida da vida, abstraindo-se de sua materialidade, a um tempo eles são um pouco de tudo, pintor e arquitecto, músico e escultor, por isso que a poesia, para manter o seu primado intelectual, reclama a simplicidade e a emoção, a sonoridade e a sutileza, a expressão e a harmonia, o relevo e a precisão, a pureza e a graça, o colorido e a forma — qualidades que emprestam à arte da palavra o prestígio de uma força mais que humana, quase divina.

O prestígio da poesia não tem fronteiras para contê-lo; alem da fé, unicamente a poesia opera o milagre de remover montanhas. D'Annunzio escreveu que "o verso é tudo. Para criar a beleza dos sonhos e separar a essência das cousas, nenhum instrumento de arte é mais poderoso, mais sutil, mais acerado, mais multiforme, mais exato, mais docil, mais fiel. Mais opaco que o mármore, mais malea-

vel que a cera, mais sutil que um fluido, mais vibrante que uma corda, mais luminoso que uma gema, mais perfumoso que uma flor, mais cortante que uma espada, mais flexivel que um vime, mais caricioso que um murmúrio, mais terrivel que um trovão, o verso é tudo e pode tudo. Pode traduzir os mais secretos movimentos da sensibilidade humana e revelar, pelo som de uma sílaba, as mais profundas analogias. Pode definir o indefinivel e exprimir o inexprimivel. Pode abarcar o ilimitado, sondar o abismo, transpor os limites do ser, descer às fontes mesmas da vida. Pode embriagar, como o vinho, arrebatar, como o êxtasis. Pode possuir, ao mesmo tempo, nova alma e novo corpo. Pode, enfim, atingir o absoluto. Um verso perfeito é absoluto, imutavel, imortal; retem em si a palavra com a coesão do diamante; encerra o pensamento como em um círculo precioso, que nenhuma força poderá romper; torna-se independente de todo entrave e de toda sujeição; não pertence mais ao artista, mas é de todas as cousas imanentes e perpétuas. Um pensamento posto em um verso perfeito é um pensamento que já existia preformado, na profundeza obscura da lingua. Extraido pelo poeta, ele continua a existir na consciência dos homens."

Na história de todos os povos, na odisseia de todas as civilizações, na tragédia íntima de todas as raças, na lingua, na religião, nos costumes — qual se fora a essência mesma da vida —, por mais simples ou requintados que sejam seus aspectos, a poesia prevalece dominadora como uma síntese de todas as artes e a sua expressão mais eloquente e mais perfeita. Volva-se com toda a força de seu ódio e ruja contra ela o pessimismo dos que a não compreendem, nem podem interpretá-la; desencadeie-se a fúria dos vendavais, a cuja ação não resistem pesados monumentos, que importa? Enquanto existir um cérebro para pensar e um coração para sentir, olhos que possam ver o contraste das cousas e lábios que saibam sorrir, existirá exaltação e movimento, egoismo e amor — existirá a poesia.

◈

A festa que ora se celebra é a festa da poesia, por que é a festa em que se comemora o centenário de nascimento de Juvenal Galeno, cujo nome chega aos nossos ouvidos com a sonoridade de um nome grego. É a festa do Ceará intelectual e social a um de seus mais exímios poetas, ou, antes, ao maior bardo brasileiro, cuja longa existência de nonagenário foi toda dedicada à sua terra e à sua gente e cuja lira melancólica e suavissima, inspirada nos contrastes da natureza cearense, deixou nessas canções maviosas que

andam de boca em boca, que todo o mundo sabe de cor, no seio de todas as classes, — um panorama inteiro e completo da vida do Ceará.

É uma sentida e justa homenagem prestada ao grande cancioneiro popular.

Nos povoados das nossas praias ou nas aldeias dos nossos sertões, o nome e a poesia de Juvenal Galeno chegam como cousas lendárias. E essa poesia tão cheia de simplicidade e de encanto, tão sem atavios, sem preocupações outras que a de interpretar fielmente o coração do povo na sua própria linguagem, tem o sabor de uma balada romântica, o perfume suave de uma canção antiga. O verdadeiro sentido na poesia de Juvenal Galeno é o sentido popular, muito embora ao lado deste exista obra de pensamento, de arte e de moral. A sua mensagem no meio intelectual brasileiro foi esta: exprimir em versos repassados de doce sentimentalismo as emoções da sua raça, profundas emoções que nós outros experimentamos, mas não sabemos dizer. Foi o cantor do homem e da terra. Conheceu esta nos aspectos mais íntimos de sua natureza caprichosa, quando o inverno a transforma num país verde de Canaã, ou quando as secas terríveis a flagelam, comburindo-a, exaurindo-a, aniquilando-a.

Nascido nas faldas da Aratanha, afinou o ouvido delicado pelo canto selvagem e enternecedor dos trovadores da mata — a graúna pousada nos leques da carnaubeira e o galo-de-campina pousado no beiral da casa — ou pelo rulo argentino e macio das aguas do sopé da serra, deslizando entre os canaviais extensos e murmurosos e os laranjais floridos que a embalsamam e enfeitam.

Desde cedo entrando em contacto com esses cenários, contemplando-os todos os dias e todas as noites, ao sol vivo e ardente das manhãs de Junho ou nas noites de luar, desse luar cearense, tão sereno e evocativo, pode gravá-los com tanta nitidez e intensidade na sua visão interior, que, ao compor essas endeixas imortais das lendas e canções, límpidas e tranquilas como as aguas da Aratanha, retrata esses cenários com a fidelidade e pureza de sua impressão de criança. Nenhum traço de menos, nenhum traço de mais. Tudo alí, na poesia do bardo cearense, está perfeitamente ajustado: uma expressão substituida, uma transposição, alteraria a paisagem e desconjuntaria a moldura. Milagre de uma imaginação poderosa, que, assim como apanhava num simples lance de vista as linhas gerais de uma paisagem, debuxava os seus efeitos de sombra e luz, definindo particularidades pequeninas, que passariam despercebidas e ignoradas a quem não tivesse tão fina sensibilidade nem tanta delica-

deza de sentimentos. Por isso mesmo, Juvenal Galeno se constituiu o maior e o mais autêntico cantor da vida cearense em todo e qualquer aspecto. No lirismo sem par de suas lendas e canções, a sinceridade de seus motivos de arte não é inferior à simplicidade da linguagem, a mesma linguagem singela, mas profundamente expressiva, de nossa gente. Aí está a razão de andarem os seus versos, as canções que compôs embebendo a pena nos riachos da Aratanha, cantados pelos vaqueiros nos imensos sertões, pelos jangadeiros nos seus cruzeiros de pescarias ou pelos boêmios nas serenatas improvisadas por noites de luar.

A fisionamia do meio e a psicologia do povo que nele se movimenta e vive foram traçadas com o pulso firme de quem tem a convicção de estar escrevendo obra para ficar, para nunca ser esquecida. E não foi de outro modo. Juvenal Galeno não escreveu essas lendas e essas canções louvando-se no critério dos contemporâneos, buscando fontes indiretas que o pudessem levar a afirmações temerárias e inverídicas. É ele mesmo quem no-lo diz:

"Procurei primeiro que tudo conhecer o povo e com ele identificar-me. Acompanhei-o passo a passo no seu viver e, então. nos campos e povoados, no sertão, na praia e na montanha, ouví e decorei seus cantos, suas queixas, suas lendas e profecias, aprendí seus usos, costumes e superstições, falei-lhe em nome da Pátria e guardei dentro em mim os sentimentos da sua alma; com ele sorri e chorei, e depois escreví o que ele sentia, o que contava, o que me dizia, o que me inspirava."

Eis aí o veio puríssimo, o filão inesgotavel em que o venerando bardo encontrou o precioso material de sua poesia popular. E, como se fez mestre nesta poesia perfeitamente enquadrada nos moldes da escola romântica, em que se notabilizaram tantos poetas brasileiros, com justiça ainda hoje apreciados, se tivesse querido ou o não sugestionassem os conselhos do autor do I-Juca Pirama, de se não afastar da inspiração espontânea quase instintiva, Juvenal Galeno teria sido grande poeta, explorando outra província da escola. Não lhe faleciam méritos. Talento, tinha-o de fino quilate. Teríamos então ganho mais um parnasiano ou um simbolista, mas teríamos perdido o inimitavel tecelão dessas meadas de seda, o lírico popular dessas rimas ingênuas que a gente ouve uma vez e não esquece nunca.

Não recebeu a influência de nenhuma escola em que o verso disciplinado, terso, marmóreo tem o cunho de uma obra de arte pela rijeza da forma, pela imponência da rima, pelo metro rigoroso. Não. Sua poesia é solta, é livre: inspirada em motivos puramen-

te regionais, é antes de tudo e acima de tudo o canto meio selvagem, meio bárbaro, meio sentimental, mas profundamente humano, da raça heróica dos tabajaras, tostada do sol inclemente desta Terra de Sol. Nela se casam e se confundem o murmúrio do riacho, as vozes de alegria dos dias de fartura, os soluços de dor dos dias de miséria, o arrulho da jurití, o crocitar dos corvos, o grito metálico da araponga, o balido da ovelha, o rulo das vagas impetuosas, o canto da grauna, o perfume das flores de mofumbo, o cicio dos carnaubais. Mas não é só. Assim como Beethoven sentiu em uma de suas sinfonias, creio que na Pastoral, a alma rumorosa da floresta, traduzindo-a em melodias, Juvenal Galeno recebeu e transmitiu, não propriamente a alma emocionante da floresta, mas esta alma feita ação, feita homem. Esta poesia assim compreendida é o Ceará cantando e vivendo na lira que o imortalizou: assim tambem vive e canta a linda paisagem da Provença na poesia de Mistral. É admiravel, não há dúvida, tendo Juvenal Galeno nascido no segundo quartel do século passado, pouco mais de um lustro após o advento do romantismo, que é a reação do pensamento europeu contra o ideal artístico e literário inspirado no classicismo dogmático dos modelos greco-latinos, não se tenha ainda, moço como era, deixado influenciar pelos que, no Brasil, aceitavam a orientação das modernas escolas. A evolução literária brasileira, dentro das contingências de meio e espaço, se processou sob a inspiração das várias correntes desse pensamento inquieto da época, que revolucionava todos os círculos intelectuais do velho mundo. O romantismo, que tivera precursores da estatura de Rousseau, Goethe e Schiller, alem de Byron e os poetas Lakistas, teve a seguí-lo uma primorosa falange de homens de letras; dominou toda a primeira metade do século XIX, mas, desviando-se da primeira finalidade com o excesso de subjetivismo romântico e relaxamento da forma, viu definirem-se no seu próprio seio as tendências realistas e naturalistas, que, mesmo no Ceará, seriam seguidas, entre outros, por Adolfo Caminha. A poesia não se alheou à inquietação do momento; sob a influência de novas tendências, de novos métodos reacionários contra as licenças poéticas dos românticos, preocupada com a perfeição da forma e o apuro da métrica, teve em Leconte de Lisle, Gauthier, Rostand e Herédia os mais exigentes parnasianos, e foi de entre seus adeptos que, mais tarde, deveriam sair os chefes da escola decadente ou simbolista, com Mallarmé, Verlaine, Baudelaire e Jean Moréas. Parnasianismo e simbolismo receberam, no Brasil, a sagração de grandes poetas; em todos os núcleos intelectuais do País o culto da forma se tornou uma obsessão, como tambem foi uma

idéia fixa interpretar estados d'alma por meio de símbolos ou imagens evocativas. O livro, a imprensa, a leitura, nada influiu na organização artística do bardo popular: o seu espírito estava formado, definidos os seus pendores; resistiu ao assomo dos parnasianos e à exaltação dos simbolistas, e não traiu nem abjurou os motivos de arte — ingênuos motivos que foram o veio fecundo de sua inspiração. A sua poesia continuou franca, de uma limpidez cristalina, em nada se modificou nem mesmo com a idade: o metro é o mesmo, é a mesma a harmonia de rima, a mesma expressão. O que foi na mocidade, foi-o na velhice, quando já não mais podia ver nos seus aspectos menos característicos esta paisagem tão sua conhecida, tão íntima, quando o fulgor dos olhos estava extinto... Via apenas pelos olhos da imaginação e tudo lhe parecia estar ali, bem presente, bem claro, nítido e palpitante.

Foi assim Juvenal Galeno, o maior bardo brasileiro, senhor de uma lira que, se não teve os arroubos aristocráticos de certas liras de salão, tem mais do que essas o poder de perpetuar na memória do povo cearense as suas lendas e as suas canções. Estou quase em afirmar, Juvenal Galeno, na literatura nacional, foi um predestinado: deveria ser o que realmente foi — um cancioneiro.

◈

Explorando com carinho esse gênero literário, conhecedor do meio futil em que vivia, da vaidade insólita dos que alicerçam a sua cultura na cultura estrangeira e só lhe sabem perfeitamente aquilo que não é nossso, Juvenal Galeno sentiu-se alvo de críticas severas, mas longe de se entibiar ou deixar-se vencer, alentado pela convicção íntima da obra realizada, vaticinou-lhe o destino.

"Assim escrevi este livro, diz no prólogo das **Lendas e Canções Populares.**

Foi no trabalho, no lar e na política, na vida particular e pública, na praia, na montanha e no sertão, que ouvi os cantos do povo, que os reproduzí, os ampliei, sem desprezar a frase singela, a palavra do seu dialeto, a sua metrificação e até o seu próprio verso. E assim continuarei a escrever outros livros, procurando fazer conhecidos os nossos cantos populares. Sei que mal recebido serei nos salões aristocratas, e entre alguns críticos que, estudando nos livros estrangeiros o nosso povo, desconhecem-no a ponto de escreverem que o Brasil não tem poesia popular! Esquecidos de que a poesia nasceu com o homem e só com o homem morrerá; de que não há povo que não tenha a sua lenda, a sua can-

ção, a sua poesia, bela original, toda filha de sua alma e que não exprima a sua saudade, o seu amor, a sua mágoa. E de que o povo sabe cantar, como sabe chorar, gemer e suspirar, — nasceu cantando, como os passarinhos, como tudo que tem voz, por que o bom Deus assim o quis, assim o fadou poeta. Continuarei, pois, desprezado dos salões, encontrarei bom agasalho na oficina, na choça, no seio do povo; o operário entoará no trabalho estas canções, as crianças repetí-las-ão no lar, e o veterano, o recrutado, o escravo, o oprimido... derramarão muitas lágrimas ao escutá-las."

Era realmente um vaticínio. No lar, na eira, na praia ou na montanha, por toda parte, são ainda e serão sempre cantados os seus versos. Cantam-nos os vaqueiros indômitos à porteira dos currais, quando o sertão todo vestido de verde parece assistir à ressurreição da terra; cantam-nos os jangadeiros impelindo para o mar verde e bravio as jangadas de velas brancas como asas de garças...

De véstia e perneiras, chapéu, guarda-peito
De peles curtidas... que lindo trajar!
Com minha guiada, montando o ginete,
Que rincha fogoso, que sabe pular...

A vida que eu levo
Ouví-me cantar.

Eu boto o cavalo... que sente as esporas
E assopra e se escancha nos rastos da rês
Ardente, brioso, sedento de glórias,
Por altos e baixos correndo por três!

A vida que eu levo
Ouví-me esta vez.

Então nas catingas, rompendo espinheiros,
Saltando os valados qual passa o tufão,
Que louca vertigem! que fogo no peito!
Té o céu desafio no meu campeão!

Da vida que eu levo
Ouví-me a canção.

Que louca vertigem! Por entre mil troncos
Fugindo aos embates, irado a gritar,

O galho do mato de um pulo salvando,
Caindo na sela sem nunca parar!

A vida que eu levo
Ouví-me cantar.

Ou então:

Encontrei-a no caminho
Do rio para o seu lar.
Trazia seu pote d'agua...
Ao ver-me pôs-se a chorar.

— Chiquinha, dá-me este pote,
Quero agora te ajudar...
— Tenha modo... vá-se embora...
"Deixe o pote... deixe estar..."

Sorrindo com singeleza,
A vista logo baixou;
Fazendo que não me via,
Bem perto de mim passou...

— Chiquinha, dá-me este pote,
Quero agora te ajudar...
— Tenha modo... vá-se embora...
"Deixe o pote, deixe estar..."

Seu cabelo em desalinho,
Molhado seu cabeção...
Mostrando... guardo segredo,
Que m'ordena o coração.

Nos opulentos cafezais de S.-Paulo ou nos sombrios seringais da Amazônia, acabrunhado com a saudade da terra distante, do sertão florido, duma noite de novena, duma cabocla faceira, de talhe esbelto e olhar blandicioso, à súbita se ergue a voz de um cantor e enchem o ar os gorgeios maviosos de uma canção, que termina, não raro, em soluços estrangulados na garganta.

A canção é cearense. É uma copla ou uma lenda popular. Cearense é o cantor, um emigrante exilado da terra pátria pelo flagelo das secas. E o poeta? É ainda um cearense. Juvenal Galeno!

Vou deixar a minha terra
Vou para os matos de alem...
Que aquí não acho serviço
Para ganhar meu vintem!
Vou soluçando saudoso
Do Ceará, do meu bem...

Qu'eu te amo tanto, oh Pátria,
Como não posso dizer;
De teu sertão nas campinas
Nascí e espero morrer:
De ti me arrancam somente
Hoje a pobreza e o dever!...

Agora, adeus, oh meus campos,
Adeus, brancos areais,
Que vou lutar pela vida
Nos desertos matagais...
Qu'eu vou enxugar meus prantos
Com choros dos seringais!...

Ou, ainda, estas estrofes do poema **A cabocla:**

Cabocla faceira, requebros, encantos
Doou-te a natura! Que porte garboso...

Tu és feiticeira!
Teu seio donoso
Me enleva... me perde,
Cabocla faceira!

Teus olhos, teus cílios têm cores da noite...
Teu colo é veludo... teu braço roliço...

Tu és feiceira!
Me mata o feitiço,
Que bebo em teus olhos,
Cabocla faceira!

É um jambo teu rosto... auroras, as faces...
Teus lábios são bagos de fresca romã...

Tu és feiticeira
Tu és tão louçã...
Me encantas... me perdes,
Cabocla faceira!

Teus longos cabelos são negros lustrosos;
Os pés, pequeninos; as mãos, delicadas...

Tu és feiticeira!
Que gesto de fadas...
Me encantas... me perdes,
Cabocla faceira!

Que ardentes enleios... que doces cismares,
Mirando teus mimos, que poucos não são.

Tu és feiticeira!
Possues um condão...
Me encantas... me perdes,
Cabocla faceira!

Críticos menos avisados, julgando sem saber julgar, por que não tem ainda penetrado o verdadeiro sentido da obra de Juvenal Galeno, aventuram-se em juizos mais ou menos temerários a respeito da mesma: o tema de suas canções, de algumas, pelo menos, dizem, não tem atrativos, o metro algumas vezes é frouxo, a expressão não traduz bem o sentido, o ritmo, tardo, alem de pouco inclinado a cuidar da pureza da lingua.

Não o inocento desses delizes, ou de alguns desses erros, que, de fato, cometeu e o critico encontra na leitura de seus livros; mas fora de todo impossivel exigir uma obra perfeita, sem vícios, de quem não teve tempo para fazer estudos acadêmicos, conhecer as grandes literaturas, pelo menos no gênero de sua predileção, e formar pela ciência e pela arte uma sólida erudição cultural. É exatamente aí que reside a glória de Juvenal Galeno. Ao ler a sua obra, escreveu o severo Machado de Assiz este conceito:

"O seu talento é um filho da natureza; cumpre à arte desenvolvê-lo e educá-lo."

Mas foi o que não fez ou que não pode fazer.

Entretanto, estes erros ou vicios de linguajar, estes erros de métrica e descuidos da forma, interpretados como devem ser, não

diminuem o valor da obra de Juvenal Galeno, de quem disse Franclim Távora:

"Deve orgulhar-se a província ou a escola literária que possue um talento tão espontâneo e assimilador."

É que o bardo cearense procurou dizer como ouviu, reproduzir como recebeu, sem alterar, sem modificar, nem dar forma literária nova, pulida, mas exprimir o pensamento do homem simples com aquela simplicidade ao mesmo tempo ingênua e adoravel com que este diz o que sente. Nos seus livros, nas **Lendas e Canções Populares** e **Folhetins de Silvanus**, há muito que estudar e muito que aprender da psicologia do nosso povo simples e bom, das suas tradições, dos seus costumes, das suas lendas, e tudo isso ele amou com todo o coração e soube interpretar com absoluta finalidade.

Sua obra terá o merecido lugar na história de nossa formação e evolução literária, quando, mais cedo ou mais tarde, esta se fizer.

São justíssimas as manifestações consagradas à personalidade singular e inconfundivel de Juvenal Galeno, às quais se associam com todo carinho o Instituto do Ceará, de que foi ele um dos fundadores, e a novel Sociedade Cearense de Geografia e História, que se sentem na obrigação de externar, de público, sua simpatia pelo grande intérprete da emoção popular.